

PREÂMBULO

BUSCAS & IMERSÕES

Longa, áspera a trajetória civilizatória. Sentimentos íntimos em multimilenar, explosiva combustão. Conflituosas, corrosivas em grande parte as relações interpessoais. Instintos aflorados, interesses egoísticos. Sanhas do poder. Avidéz do ter. Loucuras do ser.

A natureza humana é, em si, ardente, convulsiva, convulsionada. Nosso passado de gritantes, gigantescas emoções. Gênios calorosos, acalorados. Atritar-se de perfeições, afeições, paixões qual choque de armaduras e lanças em doridos campos de lutas! Corpos, almas eivadas de desejos. A vida: danças insinuantes, trejeitos maliciosos. O aroma penetrante, distante de vinhedos, alcovas, tabernas, noites ao luar...

Ao homem, em seu itinerário evolutivo, a complexa, aparentemente desconexa dualidade: a) externamente, a luta, o choque. B) no imo do ser, a solidão, o refúgio, a ânsia existencial, fome, sede de convivência, reparações, realimentação recíprocas. E há quantas eras?!

O desafio do reencontro consigo e com pessoas amigas. Para corações eremitas, há o tempo de se sair da tenda, abandonar o acampamento, ver o céu azulino, o real pontilhado das constelações. Tempos de se apurar os ouvidos, reter os sons convocativos das fontes, dos fundos montes, uivos cálidos, tão próximos...

Abandonar-se, ao momento. Ilações, dramas do passado são-nos ainda não suportáveis, em processos de decantação, absorção, fluência, incandescências de ordem natural, laivos telúricos, momentos de sublimação, canalização, ascensão...

Caminhar, marchar, enfim, com a alma desperta, reerguendo-se, reedificando-se, retificando-se – transformando chamas fustigadoras em precisa lâmpada a iluminar a grande jornada, individual, a dois ou mais viandantes!

Gabiroba e memória

“Pode causar surpresa e ser comovente a maneira pela qual a gabiroba, plantinha silvestre pequena e rústica, pode desencadear tantos episódios de memória afetiva. A gabiroba, além de ativar a memória, é a planta da alegria, da saudade, da nostalgia e da lembrança. Basta trocar reminiscências com parentes e conterrâneos ou vasculhar fóruns e comentários de internet que a imagem da gabiroba voltará forte em versões do “como era bom”... Confira o artigo de Fábio Antônio Caputo, na íntegra, na...”

Pág. 8



Padre Silvestre

Não faltam traços culturais, tradicionais, memorialísticos, arquitetônicos, naturais e religiosos para compor a identidade mineira – e não seria diferente no Campo das Vertentes, claro. E sobre o último tópic, que toca a fé de comunidades inteiras, há um detalhe especial: esta região é, também, berço de inúmeros sacerdotes que guardaram, guiaram e cuidaram de fiéis em diferentes pontos do mapa. São Tiago, por exemplo, é terra natal de Silvestre Antônio de Faria.

Pág. 12

Matemática em versos e prosa

“Rosinha tem onze anos, Sinhazinha tem dezenove. Com três vezes os de Maria, a soma é noventa e nove”. Pode até não parecer, mas esse problema matemático com tons de charada e rima tem solução. O trecho vem da obra de Annibal Marques da Costa, são-joanense que deixou obra extraordinária com especial efervescência nos anos 1940 e 1950.

Pág. 13

Olha a Festa Junina! É verdade!

Junho é mês de... Convenhamos: há quem responda “frio, muito frio”. Mas a maior marca do calendário – ou da agenda – envolve fogueira alta, música boa, quentão, canjica, pipoca. As Festas Juninas já estão acontecendo. E como toda boa tradição, têm muita história envolvida. Confira em artigo de Maria Elena Caputo.

Pág. 17

ADIVINHAS

- 1- O que é o que é? Fica no canto e viaja o mundo todo?
- 2- O que é o que é? Está sempre meio da rua e de pernas para o ar?
- 3- O que é o que é? Ele á magro pra chuchu, tem dentes, nunca come e mesmo sem ter dinheiro, dá comida a quem tem fome?
- 4- Qual a formiga que, sem a primeira sílaba vira fruta?

Respostas: 1- o selo; 2- o U; 3- o garfo; 4- Salva

Provérbios e Adágios

- Não se corta carne com faca de pau
- Coração de outro é terra donde ninguém vai
- Para quem tem, os tostões vêm
- Cavaleiro novo, a marcha muda
- Quem dança com diabos, se queima todo
- Meio se escuta, dobro se entende (para quem sabe ler, um pingo é letra)
- Não existe tempo ruim, mas roupas ruins

Para refletir

• “Há uma primavera em cada vida;
É preciso cantá-la assim florida.
Pois se Deus nos deu voz
Foi pra cantar”
(Florbel Espance)

• “O pensamento é a única lâmpada
que ilumina a rota escura da ignorância
e essa lâmpada deve ser mantida
eternamente acesa”.
(Anthony Ferris)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.
Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.
Coordenação: Ana Clara de Paula
Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.
Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo
Jornalista Responsável:
Marcus Santiago – MTB 19.262/MG
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



Apoio:



TELEFONE FIXO

Ter uma linha de telefone fixo (assinatura como se diz) aí pelas décadas de 1980/1990 era sinal de status social, poder aquisitivo. Era obrigatório declarar no Imposto de Renda.

Havia um mercado poderoso de comercialização. Pessoas vendiam imóveis, bens, tomavam empréstimo para aplicar na compra de linhas e locação a usuários, muitas faliram. Ter/adquirir um telefone custava, às vezes, o valor de um carro popular, cada dono tinha ações da companhia concessionária e assim negociadas no mercado.

Eis que com a chegada da internet a extinção/privatização da Embratel simplesmente o preço de um telefone fixo desabou. Passou a valer praticamente nada. E do dia para noite um dos maiores e mais criminosos golpes contra a economia popular de todos os tempos!

Como se trata de concessão do governo, este obriga as concessionárias a fazer investimentos, manutenção e melhorias nas linhas de telefonia fixa, inclusive dos chamados “orelhões”, levando algumas delas a virtual falência como OI (antiga Telemar).

Para o governo, as companhias devem bilhões (não realização de investimentos, multas etc.) enquanto essas telas querem ser ressarcidas por investimentos deficitários que realizaram.

Assunto para tribunais e como consequência péssimos serviços e má qualidade prestados ao usurpado consumidor de sempre.

Enquanto ganharam milhões, uma jóia, um maná. Hoje consumidor deixado ao deus-dará.



AO PÉ DA FOGUEIRA

NÚMEROS QUESTIONADOS

A instituição, já com muitos anos, décadas de atividades, achava-se reunida em assembleia geral. Primeiros meses do ano praticamente corridos. Os filiados, previamente convocados – conforme determinavam a legislação e estatutos – para fins de apreciação do relatório de atividades e balanços financeiro-patrimoniais relativos ao exercício anterior e outros assuntos de interesse social. É o que constava no edital.

O plenário, como de sempre, acolhia significativo número de membros. Aberta a sessão, lido o edital de convocação, passou-se à pauta regimental: leitura dos relatórios (quase uma cantilena, mera repetição ou adequação de textos anteriores) e a pachorrenta apresentação de balanços e peças contábeis.

A forma de apresentação pouco ou nada evoluiu no transcorrer dos anos. O mesmo processo verbal, alguma planilha ou papel solto à mão, as explicações costumeiras – contas de ativo e passivo, receitas e despesas, patrimônio, lucros e números estiolados, quem sabe prejuízos acobertados. Linguajar contábil geralmente inacessível ao cidadão comum. Nenhuma preocupação com projeção audiovisual, gráficos, o uso de dastashow, que permitissem uma melhor e mais agradável assimilação do conteúdo. Tudo na base da saliva. Sequer o encaminhamento prévio dos relatórios, permitindo-se que os afiliados se inteirassem melhor da situação da empresa.

O que chamava a atenção de muitos é que a empresa pouco se desenvolvia, não gerava resultados consistentes, autossuficientes, cifras e números operacionais apertados, espremidos, dependendo sempre de capitalização por parte dos filiados ou aporte extra de recursos para investimentos, geralmente empréstimos bancários para a sua manutenção.

Encerrada a explanação, o presidente da mesa informa-se junto ao plenário se havia alguma dúvida quanto às matérias apresentadas.

Teobaldo, um dos presentes, pessoa simples, trabalhadora, comportamento introvertido, sócio fiel, idade aí pelos seus 35 anos, toma a palavra:

- Tenho, como muitos companheiros aqui e que silenciam por respeito humano ou por temor, maiores e fundadas dúvidas. Esses números apresentados, queiram vocês, diretores e técnicos, me desculpar, são falaciosos, provavelmente maquiados. A meu ver, não representam, de há muito, a realidade econômico-financeira da empresa.

Espanto para a mesa e mesmo para os presentes, acostumados a aceitar passivamente as demonstrações feitas anualmente, de forma mecânica, formalista, ao ensejo de cada assembleia. O dirigente, à frente na mesa, o argui, de forma intempestiva:

- Que reparos o sr. tem a fazer às contas apresentadas?

Não deixando de desafiá-lo. – Se o sr. como associado, percebe erros, prove então!

O filiado, questionador, não se abala.

- Sou homem sem cultura, mas não sou tolo. Confirmando que tenho sérias dúvidas quanto ao que nos foi apresentado hoje, bem como a outras exposições e relatórios de exercícios anteriores. Vou explicar por quê. Nossa empresa não evoluiu com as próprias pernas, está capenga há anos. As apresentações feitas são sempre sem entusiasmo, “empurradas” a nós filiados, quase uma obrigação forçada, a toque de caixa, corre-corre. Até os pareceres do conselho fiscal são frios, chochos... Percebe-se o formalismo, o convencionalismo, o mero cumprimento de uma obrigação estatutário-legal, sem aprofundamento analítico das contas e sem discussão precisa dos números. O pouco que ela cresceu, nos últimos tempos, foi à custa de chamada de capital junto ao quadro social e ainda de pesados financiamentos bancários. Observemos todos os altos custos administrativos, em especial de pessoal, uma empresa em visível dificuldade, mas que paga elevados salários e encargos. As receitas são insuficientes até para custear os encargos administrativos. Não há investimentos, melhoria na qualidade e ampliação dos serviços prestados ao quadro social. Ouço até que a empresa vem recorrendo a agiotas e não vejo tais números aí lançados... Enfim, essa escrituração contábil apresentada não reflete a real situação econômico-financeira desta casa...

Voltando-se para o plenário: - Meus amigos, nossa associação está no vermelho há muito e o pessoal da direção, com esses números apresentados, passa um pincel cor de rosa por cima, para despistar. Falta gestão, governança... Somos todos aqui, ao que parece, daltônicos...

A mesa dirigente e os técnicos rebatem ríspida, veementemente, as ponderações do filiado, colocando, de imediato, na marreta, as contas para a apreciação da assembleia e que acabam aprovadas, salvo alguns votos contrários, dentre eles o de Teobaldo.

Daí a algum tempo, questão de meses, choque geral para filiados e toda a comunidade. A empresa fechava as portas com déficits altíssimos. Refeitos os balanços por auditores externos, verificou-se que o buraco, um vermelhão de todo tamanho, embora encoberto ou maquiado contabilmente, ao longo de décadas, não tivera mais como ser tampado... Obviamente, prejuízo incalculável para todos os associados e comunidade!

Falência...



O RIO PARÁ

O Rio Pará, afluente pela margem direita do Rio São Francisco e um dos seus mais importantes componentes, nasce próximo ao povoado do Hildebrando, no município de Resende Costa, adjacências do divisor norte da cabeceira do rio Brumado, na Serra das Vertentes⁽¹⁾. Seu talvegue (extensão) é de 210 km. A vegetação que compõe a cobertura da bacia é do bioma cerrado, com estrato arbustivo que inclui árvores espaçadas, retorcidas, em si degradado pela intensa atividade pastoril praticada de forma extensiva – deterioração exacerbada igualmente pela ocupação urbana (loteamentos), reflorestamentos com eucaliptos, desmatamentos, minerações etc.

A nascente do Rio Pará, a 10 km da sede do município de Resende Costa, mereceu, já em 1816, a atenção do viajante alemão Von Eschwege, considerado o pai da geologia brasileira, em sua passagem pela região, enfatizando a importância (do citado rio) para o desbravamento do sertão brasileiro. Afirmou ele em carta: “Espero, ainda este ano, a sua visita e, então, poderá assistir à partida de uma expedição, que se destina ao Rio Pará, de onde, por conta da Fábrica, trará certo número de índios semicivilizados, que desejam viver em zona povoada”.

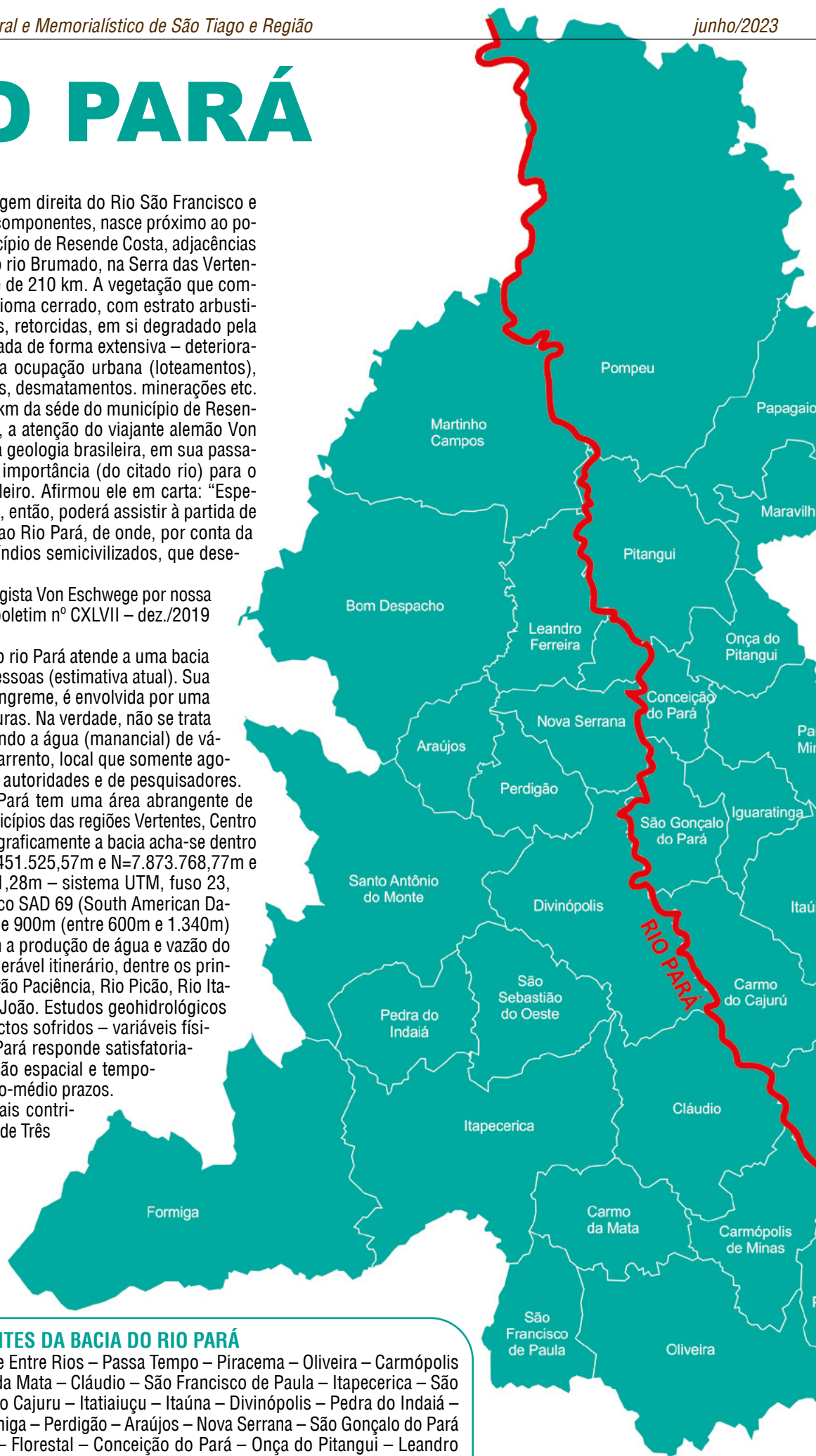
Sobre a passagem do mineralogista Von Eschwege por nossa região, ver matérias em nosso boletim nº CXLVII – dez./2019 e nº CXLVIII – jan./2020.

Em seu percurso de 365 km, o rio Pará atende a uma bacia habitada por cerca de 900 mil pessoas (estimativa atual). Sua nascente, no fundo de um vale íngreme, é envolvida por uma mata ciliar, circundada por lavouras. Na verdade, não se trata de um único olho d’água, brotando a água (manancial) de vários minis pontos, o solo frio, barrento, local que somente agora vem atraindo o interesse das autoridades e de pesquisadores.

A bacia hidrográfica do Rio Pará tem uma área abrangente de 12.300 km², envolvendo 35 municípios das regiões Vertentes, Centro Oeste e Alto São Francisco. Geograficamente a bacia acha-se dentro do retângulo – coordenadas E=451.525,57m e N=7.873.768,77m e E= 581.888,17m e N=7.697.371,28m – sistema UTM, fuso 23, hemisfério sul, sistema geodésico SAD 69 (South American Datum 1969) com altitude média de 900m (entre 600m e 1.340m)

Inúmeros afluentes compõem a produção de água e vazão do rio Pará, ao longo de seu considerável itinerário, dentre os principais o ribeirão Boa Vista, ribeirão Paciência, Rio Picão, Rio Itapecerica, Rio Lambari, Rio São João. Estudos geohidrológicos mostram que, apesar dos impactos sofridos – variáveis física e climática – a bacia do rio Pará responde satisfatoriamente, em termos de distribuição espacial e temporal e equilíbrio sustentável a curto-médio prazos.

O Rio Pará é um dos principais contribuintes do reservatório da Usina de Três



MUNICÍPIOS COMPONENTES DA BACIA DO RIO PARÁ

Resende Costa – Desterro de Entre Rios – Passa Tempo – Piracema – Oliveira – Carmópolis de Minas – Itaguara – Carmo da Mata – Cláudio – São Francisco de Paula – Itapecerica – São Sebastião do Oeste – Carmo do Cajuru – Itatiaiuçu – Itaúna – Divinópolis – Pedra do Indaiá – Santo Antonio do Monte – Formiga – Perdigão – Araújos – Nova Serrana – São Gonçalo do Pará – Igaratinga – Pará de Minas – Florestal – Conceição do Pará – Onça do Pitangui – Leandro Ferreira – Bom Despacho – Pitangui – Martinho Campos – Papagaios – Maravilhas – Pompeu

Marias. Sua bacia é de 12.233,06 km², correspondentes a 5,22% do território da bacia do Rio São Francisco, possuindo 535 afluentes diretos e milhares indiretos. População que compunha a bacia em torno de 732.755 habitantes (censo 2010) com densidade populacional de 62,68 hab./km². Quatro usinas hidrelétricas usufruem de suas águas, ao longo do percurso:

- PCH Nova Dorneles em Passa Tempo com potência nominal de 4.700kw
- PCH Cajuru (entre Divinópolis e Carmo do Cajuru) com potência nominal de 7.200kw
- Usina Hidrelétrica Gafanhoto (entre Divinópolis e Carmo do Cajuru) com potência nominal de 12.880kw
- Central Hidrelétrica Pitangui (Cachoeira Bento Lopes) da Companhia de Tecidos Santanense com potência nominal de 1.400kw

Existem a Associação de Usuários da Bacia Hidrográfica do Rio Pará e o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Pará criado(s) pelo decreto n. 39.913 de 22-09-1998 constituído por 80 conselheiros, dentre titulares e suplentes, com sede em Pará de Minas.

NOTAS

(1) “A Serra das Vertentes nasce em Resende Costa a uma altitude de 1.100 metros (na matriz é de 1.140 metros) nas imediações do povoado do Ribeirão de Santo Antônio. Do alto da estrada, no entroncamento que desce para o povoado, a Serra das Vertentes fica nítida, no fundo, uma montanha recoberta por florestas. Vários cursos d’água brotam da serra: a oeste, as nascentes do Ribeirão de Cima; a leste, as do Ribeirão dos Paulas que passa dentro do povoado do Curralinho dos Paulas e ao norte as do Córrego do Estaleiro (afluente do Córrego da Cachoeira que deságua no Córrego do Potreiro e depois encontra com o Córrego do Cajuru, na divisa com Desterro de Entre Rios, dando origem ao tão conhecido Rio Pará” (Adriano Valério Resende – “Onde está a Serra das Vertentes” – *Jornal das Lages*).

Na obra “Resende Costa, a flor das Vertentes” o escritor Alair Coelho comenta/questiona: “E o fato de a verdadeira nascente, cabeceira do Rio São Francisco – o velho Chico – ser no município de Resende Costa, quase na divisa com Lagoa Dourada, num lugar chamado Hildebrando, segundo o Doutor Musse Hallac. Quem sabe disto? E por que Resende Costa nunca reivindicou o reconhecimento de que o Velho Chico, por nascimento, é resendecostense?” (obra em coautoria com Stela Vale Lara, ed. ASL, 2019, p. 37).

“A bacia hidrográfica do rio Santo Antonio com uma área de drenagem de 513 km², se limita ao norte com a bacia do rio Pará (UPGRH SF2), a nordeste com a bacia do rio Paraopeba (UPGRH SF3), ambos afluentes do São Francisco; a sudeste com a bacia do Rio Carandaí; a oeste com a bacia do Rio do Peixe, esses dois afluentes da margem direita do Rio das Mortes (UPGRH GD2) e a extremo sul com o próprio Rio das Mortes” (Adriano Valério Resende – “Diagnóstico socioambiental da Bacia do Rio Santo Antonio-MG” PUC-MG, 2013, p. 82) “...mancha de cerrado é visível entre os povoados dos Pintos, do Ribeirão e do Cajuru (esse último fora da área de estudo já na bacia do Rio Pará) Op. cit, p. 90.

O município de São Tiago, no passado, manteve relações com a Companhia do Vale do São Francisco-CODEVASF. Em meados do século XX, o então prefeito, sr. Octávio Leal Pacheco, conseguiu provar que águas/mananciais oriundos de nosso município chegavam à bacia do Rio Pará, via o córrego Barba de Bode, (ou Barba de Boi) no Ouro Fino, serra da Galga, divisas/confluências entre os municípios São Tiago/ Oliveira/Resende Costa/Passa Tempo, região registrada em alguns mapas como “Pontão da Micaela” (referência ao povoado próximo da Micaela).

Temos, em arquivo (ver pág. 6), o teor do ofício n. 1426, datado de 26-07-1954, da Companhia do Vale do São Francisco, endereçado ao sr. Prefeito Municipal de São Tiago, informando que o Tribunal de Contas da União aprovava o registro de convênio interpartes para “realização de estudos, projetos e obras de captação, tratamento, adução e distribuição de água para a sede desse município” (Proc.820), orçados à época em Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros).

Sabe-se que as obras de captação e distribuição de água urbana no lugar “Sonda”, década de 1950, foram realizados com recursos da Companhia do Vale do São Francisco. Ao invés de instalar ali um parque, ou praça, urbanizar o local, a administração municipal, ao que parece na gestão 1998-2001, optou por leiloar a área. Retrato da pobreza política, cultural, ambiental e financeira das nossas administrações...Um vexame!

Outro aspecto: se a administração do sr. Octávio Leal Pacheco conseguiu incluir o município de São Tiago como componente da bacia do Rio São Francisco, obviamente o foi com respaldo técnico (referenciais cartográficos, hidrogeomorfológicos, hidrográficos, morfométricos etc.) Onde estará a documentação?

Conversando, recentemente, a esse respeito, com um ex-prefeito municipal este afirmou “nunca ter ouvido tal assunto”, ou seja, a inclusão, outrora, do município na CODEVASF-Companhia de Desenvolvimento do rio São Francisco.

Segundo o historiador Augusto Viegas, o município de São Tiago limita-se “com o município de Oliveira, por seu distrito de Morro do Ferro: começa no divisor de águas entre os rios Jacaré e das Mortes no alto dos Melos; continua daí pelo espigão divisor da vertente da margem esquerda do Córrego do Mateus e do Córrego Grande até a foz deste no Jacaré; sobe por este até o alto de sua cabeceira que passa pela fazenda do Sousa no divisor geral de águas dos rios Pará e do Peixe, ponto fronteiro à cabeceira do Córrego Barba de Boi” (“Notícia Histórica do Município de São Tiago” pp. 17/18).

“Com o município de Resende Costa: começa no divisor geral das águas dos rios Pará e do Peixe, defronte a cabeceira do rio Jacaré (nas proximidades da fazenda do Sousa e do Córrego Barba de Boi” (Lei n. 336 de 27-12-1948).

Segundo moradores locais, filetes (olhos d’água) do córrego Barba de Bode nascem no município de São Tiago, em propriedade do sr. Fernando Marciano, a poucos metros da divisa com o município de Passa Tempo no quadrilátero que inclui ainda os municípios de Oliveira e Resende Costa.

Fica a observação.





PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

1426

26 JUL 1954

Em

Do Diretor Superintendente da C.V.S.F.
Ao Senhor Prefeito Municipal de São Tiago
Assunto - "Registro de convênio"

Senhor Prefeito

Levo ao vosso conhecimento, para os devidos fins, que, em Sessão de 6 de julho corrente, o Tribunal de Contas resolveu ordenar o registro do convênio assinado em 16 de junho anterior entre essa Prefeitura e esta Comissão para a realização de estudos, projetos e obras de captação, tratamento, adução e distribuição de água para a sede desse Município.

Outrossim, cabe-me passar às vossas mãos, por cópia autêntica, duas vias do aludido termo de convênio.

Aproveito a oportunidade para renovar-vos os protestos de minha estima e consideração.

Paulo Peltier de Queiroz
Diretor Superintendente

(Proc. 820)
AL/ap.

“COR DE CINZA” NOEL ROSA

“Cor de cinza”, o mais enigmático dos sambas de Noel Rosa, foi composto em 1933 e gravado pela primeira vez em 1955 por Aracy de Almeida com orquestra-LPP; seria gravado ainda por requintados cantores como Jards Macalé, Zezé Gonzaga, Marília Batista etc. Não há, em toda a prolifera obra de Noel Rosa, nenhuma outra composição similar com versos tão obscuros, indecifráveis. Texto que conta, em síntese, uma história de amor. A finura de uma mulher, portando luvas de pelica cinza e a frustração do enamorado. “Não durou muito a chuva e eu achei uma luva depois que ela desceu...”.

Há quem afirme que a inspiradora e musa da canção seria/fora Julinha (Julia Bernardes), jovem extravagante da época. Noel Rosa era portador de uma deformidade no rosto, tido como “homem feio”, decepcionando a muitas de suas fãs. O poeta mineiro Paulo Mendes Campos assim escreveu, texto publicado na revista “Manchete” – 1974: “Cor de cinza é uma história fora de dúvida enigmática, enevoada, cuja origem há de morrer com Noel”.

O AUTOR – Considerado um dos maiores compositores pátrios, autor de celebrizadas músicas como “Pastorinhas”, “De bado”, “Vai haver barulho no chatô”, “Fita amarela”, “Conversa de botequim”, “Feitiço da vila”, “Boa viagem”, “O orvalho vem caindo”, “Último desejo”, “Pierrô apaixonado”, “Quem ri melhor”, “Com que roupa?” e tantas outras magistrais composições, Noel Rosa nasceu no Rio de Janeiro aos 11-12-1910 e faleceu aos 04-05-1937, com 26 anos, vitimado pela tuberculose.



(FONTE: “Noel Rosa, uma biografia”
João Máximo e Carlos Didier, Ed. UNB, 1990)

COR DE CINZA (NOEL ROSA)

Samba-canção. Primeira gravação em 1955 com Aracy de Almeida (música de 1933)

Com seu aparecimento
 Todo o céu ficou cinzento
 E São Pedro zangado
 Depois, um carro-de-praça
 Partiu e fez fumaça
 Com destino ignorado
 Não durou muito a chuva
 E eu achei uma luva
 Depois que ela desceu
 A luva é um documento
 Com que provo o esquecimento
 Daquela que me esqueceu
 Ao ver um carro cinzento
 Com a cruz do sofrimento
 Bem vermelha na porta
 Fugi impressionado
 Sem ter perguntado
 Se ela estava viva ou morta
 A poeira cinzenta
 Da dúvida me atormenta
 Nem sei se ela morreu
 A luva é um documento
 De pelica e bem cinzento
 Que lembra quem me esqueceu

SIMBOLOGIA DAS LUVAS

O uso da luva detém alta e estreita relação com a simbologia da mão, no sentido de adorno, aquecimento, proteção, poder. Era, no passado, de uso exclusivo da aristocracia e de religiosos, como símbolo de honra, dignidade. Bispos e dignitários, quando da consagração, recebem luvas litúrgicas de seda, bordadas de ouro, com símbolos e monogramas representando a pureza do coração e da missão episcopal. De acordo com historiadores, a conotação ou expressão “pagar luvas” surgiu durante o século XVIII, quando nas procissões, a imagem de Cristo era carregada por fiéis que deviam se utilizar de luvas – estas fornecidas pela própria Igreja, mediante taxa. A expressão, com o tempo, passou a se referir às contribuições que os fiéis faziam às paróquias.

As luvas, de largo uso na Maçonaria, simbolizam a distinção, a pureza, candura. “Um magnetismo real emana da extremidade dos dedos e as mãos enluvadas de branco só podem deixar um magnetismo transformado e benéfico. De uma assembleia de maçons, onde todos usam luvas brancas, desprende-se uma ambiência muito particular que, aliás, pode ser sentida muito nitidamente pela pessoa menos atenta. Uma impressão de apaziguamento, de serenidade, de quietude constituem a sua consequência natural”. (Jules Boucher – “A Simbólica Maçônica”).

A LUVA NA LITERATURA - Em “Alice no País das Maravilhas”, há a figura do velho coelho de luvas brancas (símbolo do mestre maçom que introduz/acolhe o iniciado), sempre preocupado com o atraso para a reunião (templo ou loja); Alice o segue até a toca (câmara das reflexões).

• “A Mão e a Luva”, título de famoso romance de Machado de Assis (1839-1908) e um dos clássicos de nossa literatura – narra a história de Guiomar, jovem de origem humilde, órfã ainda cedo e que fora educada por uma madrinha baronesa, pressionada a optar entre seus três pretendentes.

• O conto “O homem da luva roxa” da escritora Marina Colasanti (italiana nascida na Eritreia em 1937, casada com o tam-

bém escritor brasileiro Affonso Romano de Sant’Anna).

• “A luva vermelha”, de Francesca Pirrone – a história de um homem em meio a uma terra remota, coberta de neve todo o ano, perde uma de suas luvas vermelhas...

• Conto “A Luva” (livro “Cadernos de Kolimã”) do escritor russo Vaslam Chalánov (1907-1982), que passou dezessete anos de sua vida nos campos de trabalhos forçados stalinistas, onde relata os horrores e barbáries vividos nos gulags (campos de concentração) durante o regime comunista russo.

• Poema “A luva abandonada” do poeta parnasiano brasileiro Alberto de Oliveira (1857-1937).

• Livro “As luvas mágicas de Papel Noel” autoria de Alessandra Klein e Cláudio Mourão (2012) Após perder as suas luvas vermelhas, Papai Noel recebe de um duende um par de luvas azuis, que eram mágicas, dando a quem as possuísse o dom de se comunicar por meio da língua de sinais (línguas).

• Romance “O Filósofo no porta-luvas” de Juliano Garcia Pesanha.

• O conhecidíssimo poema “Ou isto ou aquilo” de Cecília Meireles (1901-1964), de onde se extrai o famoso dístico: Ou se calça a luva e não se põe o anel / ou se põe o anel e não se calça a luva”.

• “Mão na luva” peça de Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) escrita em 1966 e que desdobra os dramas de um casal carioca de classe média.

Na história colonial brasileira (século XVIII) há a figura de Manoel Henrique, vulgo “Mão de Luva”, celebre contrabandista e bandoleiro com atuação criminosa nas capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Expressões com o termo “luva” – Inúmeras expressões e contextos idiomáticos fazem uso da palavra “luva”:

• Tratar alguém com “luvas de veludo” – contacto delicado, suave, respeitoso.

• Escrever com “luvas brancas” – escrever com integridade, decência.

• “Tapa de luva” – atacar de maneira sutil.

• “Lançar a luva” – desafiar.

GABIROBA, CAJU E A MARMELADA DE CACHORRO

"Existem Mundos Perdidos. Com certeza existem. Se antes eram a nossa realidade, o dia a dia da nossa vida, depois, por alguma interseção, algum desvio ou interrupção na história, migram para cantos isolados e perdidos da memória. Não necessariamente morrem, mas ficam escondidos esperando que sejam lembrados enquanto existirem quem neles viveram ou surjam outros que se importem e queiram conhecê-los."

Pode causar surpresa e ser comovente a maneira pela qual a gabiroba, plantinha silvestre pequena e rústica, pode desencadear tantos episódios de memória afetiva. A gabiroba, além de ativar a memória, é a planta da alegria, da saudade, da nostalgia e da lembrança. Basta trocar reminiscências com parentes e conterrâneos ou vasculhar fóruns e comentários de internet que a imagem da gabiroba voltará forte em versões do "como era bom", em depoimentos voluntários e carregados de emoção e sentimentos. É a planta da alegria de ser criança, da saudade de tempos mais simples onde seríamos melhores e ingenuamente felizes, da nostalgia de casas da família onde se cresceu no interior antes de seguir o mundo. E reforçando ainda mais, é a lembrança de nossa origem interiorana. Os cosmopolitas não se importam e nem tem noção do que perderam. A gabiroba é um retrato resumido e perfeito de um Mundo Perdido.

Falar em gabiroba é falar em muitas espécies diferentes, com alterações de características sutis entre si, e de muitos nomes populares. Gabiroba, guariroba, guaviroba ou guavira são variações do nome em função da região. Sendo pouco científico é possível separar a gabiroba em dois grupos para efeito da nossa experiência de vida. A gabiroba do cerrado, comum e com a qual tínhamos convívio, arbustiva de pequeno porte, e a gabiroba da mata, árvore que pode ultrapassar 10 metros de altura. Somente vi uma dessa espécie, num pequeno aglomerado de árvores perto de um retiro no terreno de propriedade do meu tio torto Oriel de Assis, depois mais

FONTE: MUNDOECOLOGIA.COM.BR



Gabiroba do cerrado

conhecido como Sitio do Renê da Maria Mata.

Mesmo coexistindo muitas espécies é possível arriscar dizer que a gabiroba que conhecemos é a "Campomonesia Adamantium". Alguém que viajou de cabeça na maionese da criatividade através de portais de realidades alternativas percebeu que o sobrenome da planta, "Adamantium", é o mesmo do metal fictício existente no universo Marvel, onde substitui e torna indestrutíveis os ossos do esqueleto, implanta garras e ajuda a dar poderes ao super-herói Wolverine. Uma bobagem! Mas, uma bobagem legal quando se vê a sequência do raciocínio. Ambos possuem em comum a força, a resistência e a resiliência. A planta é forte, resistente e poderosa para enfrentar e atravessar o período de seca com pouca disponibilidade de água,

corajosamente chegando ao período de colheita dos frutos maduros que dura em torno de duas semanas.

Seria bom saber que a força e a resistência foram suficientes. Mas não foram. Uma série de circunstâncias paralelas ou em sequência criaram os motivos pelos quais a gabiroba praticamente não existe mais nas proximidades, além da natural expansão da urbanização. Começando pela queimada, manejo agrícola hoje praticamente abandonado, de uso disseminado e indiscriminado então, perigoso com risco de se perder o controle do fogo. Em curto prazo é uma opção de baixo custo para a limpeza do terreno e propicia uma renovação rápida da vegetação com benefício enganoso. Em prazos mais longos deixa o terreno mais sujeito à degradação por chuva, elimina nutrientes essenciais ao crescimento da vegetação e elimina espécies de flora e fauna. Como regra geral a queimada é proibida no Brasil, existindo espaço normativo para exceções. Após a queimada nota-se a mudança de orientação para o uso dos terrenos, dando prioridade a pastagens e monocultura. A tudo isto vem somada uma característica negativa inerente à própria planta. Suas sementes são do tipo recalcitrante, ou seja, não suportam desidratação e diminuem sensivelmente o poder germinativo. Entretanto, o que pode ser o mais importante mesmo que não mensurável ou palpável: com motivo ou sem, ninguém se importou.

Os habitats mais propícios para o desenvolvimento da gabiroba são os biomas do cerrado e mata atlântica. O bioma principal de Minas Gerais é exatamente uma transição entre eles, pelo menos teoricamente, o que justifica o sucesso da espécie em se adaptar e desenvolver por estas terras. Uma inspeção visual do mapa do Brasil mostra ser possível traçar um corredor de gabiroba no sentido da latitude passando pelo centro de Minas Gerais, tocando no norte de São Paulo e chegando até Goiás e Mato Grosso do Sul. No Mato Grosso do Sul, onde ela é conhecida como guavira, foi transformada em símbolo do estado por efeito de lei.

A palavra gabiroba que batiza o fruto tem sua origem no tupi guarani, significando "casca amarga" ou "árvore da casca amarga". Facilmente se encontra indicações para usos fitoterápicos da planta, mas não creio que nossos antigos tenham tirado muito proveito dessas propriedades medicinais. O máximo que ouvi dizer foi que o chá da planta pode ser tratamento para tipos de diarreia. A gabiroba é alimento para pequenos animais silvestres e um prazer para o ser humano quando de seu consumo em natura. A possibilidade de sua exploração comercial ou como produto para confeitaria, produção de doces e licores é registrada em materiais informativos, mas esbarra em um obstáculo inevitável: a durabilidade após a colheita. A gabiroba apanhada hoje em perfeito estado e apresentação amanhã já estará mole e amarelada com um aspecto pouco saudável de fruta passada.

A gabiroba não estava sozinha nos campos. Tinha um bom companheiro: o cajuzinho-do-cerrado.

Por ser bem mais raro o cajuzinho-do-cerrado é bem menos conhecido que seu primo cajueiro de árvore. O primeiro é um arbusto de pequeno porte, fruto miúdo avermelhado e polpa mastigável. O segundo é a variante gigante da espécie com altura alcançando de 5m a 10m, fruto grande alaranjado, fibroso e bom fornecedor de suco para as prateleiras de supermercados. A careta, ou castanha do caju, pode fornecer óleo, mas seu uso mais comum e servir de tira-gosto refinado e caro, depois de torrada e salgada. O aroma do cajuzinho é diferenciado e marcante. O cajuzinho-do-cerrado é um elemento perfeito para se fabricar licor, depois de meses de uma maceração básica em álcool. Minha mãe sabia fazer-lo muito bem. O sabor deste licor é maravilhoso, até mesmo para eu menino que sabia exatamente onde ficava a licoreira no armário de formica azul clara e barata, na copa de nossa casa simples em Belo Horizonte.

Ir catar gabioba era normalmente algo informal, simples e meio improvisado, combinado rapidamente com objetivo de consumo in loco e pequena coleta. Por outro lado, ir catar caju poderia talvez se transformar em um evento, com direito a um pequeno planejamento e até um agendamento. Como menino eu participei de um desses quando meu pai pegou a camionete do meu avô Preste, esperou que várias pessoas se aboletassem na carroceria, municiadas de muitas latas de 18 litros vazias para então partimos para algum lugar, talvez o Tatu, perto do Rio Jacaré. Na hora de voltar, o cheiro de inúmeras latas repletas de caju-do-cerrado justificaria qualquer coisa daquele dia. Se necessário fosse escolher um aroma para nunca se perder na eternidade, aquilo seria o candidato perfeito.

Os limites de nossa cidade, acanhados e meio rarefeitos nos anos 60's e 70's, também demarcava a presença de uma cinturão verde de

FONTE: TWITTER ODILON VELASCO



Caju do cerrado

vegetação constituído por campos primários bem próximos às moradias das pessoas, onde a gabioba poderia ser considerada endêmica. Trabalhadores que diariamente iam e voltavam para as roças, mulheres que catavam lenha e gravetos, gente em trânsito a cavalo, meninos de folga longe da escola, brincando e explorando felizes os limites de seus territórios e eventuais transeuntes poderiam naturalmente colher as frutinhas, saborear a polpa e descartar a casca.

Quando as estações do ano eram mais demarcadas, com as mudanças mais nítidas, e a natureza concordava, porque acontecia de não concordar, as gabiobas produziam entre novembro e dezembro. A sabedoria popular dizia que se na hora certa uma chuvinha caísse os arbustos explodiriam em frutos. Dizia também que a moita de gabioba era local apreciado pelas cobras, recomendando uma vigilância extra. O tempo da gabioba, nome de referência, tornava a produção totalmente disseminada e acessível. Não era necessário encontrar um informante que em segredo avisaria existir um pastinho escondido na Cruz das Almas onde a colheita era certa.

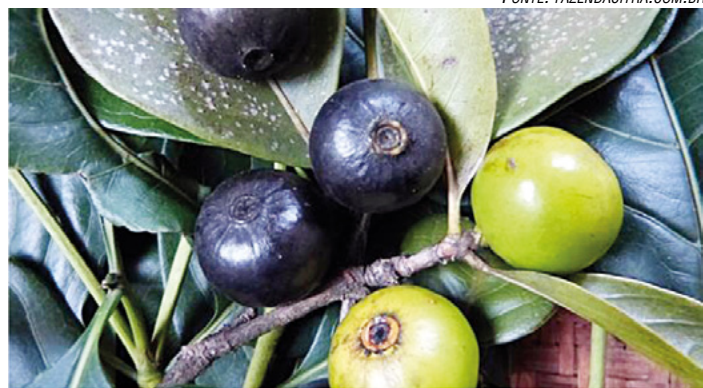
O comércio eletrônico através da internet focado em mudas de plantas passou por um processo de crescimento ampliando sua visibilidade e faturamento de forma notável. É possível encontrar na rede anúncios de mudas de frutas, flores e árvores desde espécies tradicionais, nativas, exóticas ou desenvolvidas artificialmente, distribuídas por vários meios de logística para todo o país. Gabioba, caju do campo e muitas outras de nossa memória afetiva estão nas listagens encontradas. A literatura a respeito e os indicativos técnicos recomendam e incentivam o uso dessas mudas, até de espécies esquecidas, em plantio com exploração comercial, a reconstrução de biomas, paisagismo e urbanismo, jardinagem, pequenos pomares domésticos e mesmo vasos. Tantas recomendações soam como iniciativas distantes de nossa realidade, e realmente são. Para pequenas compras corre-se o risco de receber uma muda errada, tamanho a variedade de espécies e a profusão de nomes populares e regionais. Muitas vezes a muda é feita por meio de sementes, o que adia o início da produção para muitos anos, o que é uma clara falta de incentivo. As expectativas iniciais meio frustrantes tolgem o

ato de indivíduos isolados. Não serão dois pés de gabioba na horta ou em um vaso que irão cobrir o sentimento de perda que motivaria o movimento. Mas, talvez valesse a pena. Talvez mais pessoas pudessem tentar. Ou, algumas pessoas deveriam tentar. Ou, eu deveria tentar!

Toda moeda tem duas faces. Naquilo que é pertinente ao nosso assunto um lado é delicioso e convidativo apresentando a gabioba acompanhada pelo o caju, cabacinha, o nosso articum (primo da fruta do conde que mora no interior), melão de São Caetano e até o cipó de São João, senhor das beiras de estrada, com seu arremedo de suco doce que é percebido quando se chupa o canudinho na base da flor. Na outra face, representando solitariamente o lado decepcionante do gosto desagradável, a marmelada de cachorro, ou marmelo do campo. Fruta silvestre arbustiva, rara e desconhecida. Somente soube deste nome já adulto por meu pai.

Além da pequena estátua do Cristo de braços abertos instalada no meio da Rua Sampaio, seguindo a Rua Gov. Valadares, à esquerda, existia uma passagem para pedestres e animais que permitia acesso aos terrenos da Sapeca. Depois, um caminho ou trilho mais largo levava por uma descida mais pronunciada ao famoso Poço do Sô Olímpio e ao quase desconhecido e pequeno Poço Amazonas, caso este fosse realmente o seu nome. Estes poços eram destino certo e concorrido para meninos e jovens para mergulhos, brincadeiras de água e busca de alívio refrescante em dias quentes. Ao lado deste caminho, no fundo de uma vala, existia uma sequência de árvores de marmelada de cachorro que muito frequentemente era encontrada carregada de frutos, sem indícios de colheita! Muito estranho para algo ao alcance das mãos de meninos, notadamente coletores vorazes, num caminho normalmente movimentado. Mas existe explicação: era ruim, muito ruim o sabor. A marmelada de cachorro é um fruto arredondado que em tamanho e coloração, do verde a um preto azulado, lembra muito a jabuticaba olho de boi, o que piorava bastante a situação diante da promessa ou esperança de uma delícia que definitivamente não se realizará.

FONTE: FAZENDACITRA.COM.BR



Marmelada de Cachorro

Os meus pais partiram de São Tiago quando eu ainda era um bebê e a gabioba ainda reinava nos campos. Durante toda a minha vida, passada em Belo Horizonte, mantive uma firme convicção sobre ser meu destino e minha vontade voltar para minha terra natal. Convicção que, em certo instante, foi respeitada. A vida às vezes insinua um enredo circular, hermético e sofisticado onde o final tende a tocar o começo, como uma cobra mordendo o próprio rabo. Chegamos bem perto, acredito. De modo alternativo pode ser que aquilo que ela nos disponibiliza ao final não seja algo tão fantástico e criativo, mas, da simplicidade resulta uma conclusão que vence as ironias que a vida faz surgir. Ou seja, o local onde eu e Sandra resolvemos construir nossa casa e nosso futuro, no Bairro Nações Unidas, de volta a São Tiago, quase na Estrada do Macuco, um dia foi um campo repleto de pés de gabioba à disposição das pessoas, no terreiro da cidade, tal qual uma oferenda que a natureza nos destina, como se fossemos merecedores. Hoje moramos num pedaço de terra que é uma janela de onde se pode supor avistar um Mundo Perdido.

Fabio Antônio Caputo,
Engenheiro civil aposentado e catador

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,
 MAS QUEM DE REPENTE APRENDE
 [Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

A PROCISSÃO

(08-06-94)

Piedosa, vai passando a procissão,
 Quando um foguete estoura entre vapores.
 Branca, uma nuvenzinha de algodão
 Sobe, levando a Deus, nos céus, louvores.

Já no fim do trajeto, outro rojão,
 Em lágrimas, explode multicores.
 Pérolas de luz descem rumo ao chão,
 Sobre as alas, incensos e os andores.

Lágrimas de foguete que se apaga
 Ou nuvem de fumaça que divaga,
 Eis tudo que restou do que sonhei.

Somente foi-me a vida uma vaidade,
 E dela levo, apenas, a saudade
 Daquela a quem um dia eu tanto amei!

O INCÊNDIO

(26-07-95)

Do descuido, talvez, é o estipêndio,
 O sonho que, hoje, fez-se realidade:
 O rúbido clarão de um grande incêndio
 Destruindo, outra vez, nossa cidade.

Voraz, o fogo cresce e se agiganta
 Em rubras chamas, infernais, hercúleas,
 E, feito turbilhão, tudo suplanta,
 Evolvendo-se em chispas e fagulhas.

Em torno, a gente, inerte e merencória,
 Desfazendo-se vê, no fogo rudo,
 Uma página mais de sua história.

E vai, em breve, formidando e tredo,
 O bruto incêndio devorando tudo
 Na velha casa onde nasceu Tancredo!

INVERNO – INFERNO

(19-07-94)

Numa destas manhãs frias de julho,
De casa eu saí, bem cedo ainda.
A lua estava lá, cheia de orgulho,
Sonâmbula a vagar no céu, tão linda.

Do novo dia, aos poucos, o barulho
Saudava o ressurgir da luz bem-vinda
Do sol. Nas altas beiras, em arrulho,
Davam pardais adeus à noite finda.

Com minha face lívida de frio
Do rijo inverno, eu ia, pelo trilho
Da rua, palmilhando a velha estrada.

Eis senão quando, ao rés do meio-fio,
Pobre, um menino eu vi, tão maltrapilho,
Quase morto, dormindo na calçada.

ELEGIA ÀS TRIGÊMEAS QUE SE MORREM JUNTAS

20-09-22

Foi em mil oitocentos e, talvez, noventa,
Que elas aqui chegaram, desde então amadas.
Dezesseis irmãzinhas, ante à casa benta,
Altaneiras, ao céu subiram, alongadas.

Por muitos, longos anos, numa vida lenta,
Coisas testemunharam tantas, já passadas:
Procissões, carnavais, que tanto a vida inventa:
Sinos dobrando enterros... Tristes badaladas!

Depois foram morrendo, e só sobraram três.
Às pragas confrontando e às grandes tempestades,
Té que, ao gemer do vento, eis delas vinda a vez.

Como se combinadas, elas se vão juntas,
À urbe dando adeus, deixando em nós saudades.
As três palmeiras lindas, quase alfim defuntas.

NAS RUÍNAS DO POMBAL

(18-09-94)

Aqui, não sei porque, a todo instante,
Perpassa-nos a alma um calafrio...
Talvez, da Eternidade é a constante
Presença nestas Pedras de ar sombrio.

Ou é a Liberdade insinuante
Deste Vento, nas Árvores vadio.
E da múmura Água refrescante,
Sempre, sempre, a correr no mesmo Rio.

Com o cantar dos Pássaros de agora,
Das cousas recordamo-nos de outrora,
Nesta calma do Tempo, permanentes.

É que, sobre as ruínas da História,
Sente-se, ainda, aqui, viva a Memória
De quando eras criança, ó Tiradentes!

RELIGIOSAS

O PERFUME DA VIRGEM PERDURA MUITO,
ÀS VEZES DÁ SALDO PARA UMA VIDA INTEIRA

[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

NOSSA SENHORA DO PILAR

Salve Senhora do Pilar querida
Que do teu trono, alcandorada em glória,
Desde as origens da mineira vida,
Nos acompanhas através da história!

Somos teu povo por feliz memória
Do bandeirante que, no afã da lida,
Em busca d'ouro, com bravura dória,
Esta capela aqui te quis erguida.

Enquanto nossa padroeira fores,
Aqui viremos te render louvores
E suplicar, nossa real Senhora:

Que, por Jesus, que ao coração abraças,
Jamais te esqueças de cobrir de graças
Esta cidade que embalaste outrora!



Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Nova Lima - Arquidiocese de BH

SACERDOTES SÃOTIAGUENSES PERÍODO COLONIAL-IMPERIAL

Pe. SILVESTRE
ANTÔNIO DE FARIA

Filho legítimo do Cap. Pedro Rodrigues de Faria e de D^a Ana Maria de Jesus, proprietários da Fazenda Retiro das Laranjeiras, casados estes aos 22-11-1784 na capela de São Miguel do Cajuru, Pe. Silvestre Antonio de Faria foi batizado aos 24-01-1791 na capela de São Tiago (jurisdicionada à Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João Del-Rei) sendo padrinhos Caetano Nunes Pereira. — por procuração que representou João Rodrigues de Faria — e Domingas Duarte, todos da mesma freguesia (Livro de batismos n. 10, fls. 387).

Era np de João Rodrigues de Faria e Isabel do Rosário, naturais e batizados na Ilha do Pico, bispado de Angra e nm de Caetano Carvalho Duarte, natural da freguesia de São Miguel, comarca de Barcelos, arcebispado de Braga e de D^a Catarina de São José, natural da freguesia de Nossa Senhora das Angústias da Ilha de Fayal, Açores.

Pe. Silvestre é referido como “Capitão Silvestre” no testamento de seu pai (1819). Matriculado no Seminário de Mariana aos 08-02-1821, onde recebeu o subdiaconato aos 07-11-1821 e a ordem

do diaconato “nas tēmporas da Santíssima Trindade de 1822”. Era padre em 1823, quando anexa procuração no inventário do pai. Atuou, segundo consta em seu De Genere, na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Congonhas do Sabará (atual cidade de Nova Lima) por “cinco meses e meio”. Falecido aos 26-10-1847 (testamento de sua mãe).

Recebeu de seus pais a doação de uma morada de casas com quintal murado de pedras e arvoredos e ainda 56 alqueires de terras, constituídas por matos virgens e capoeiras na Fazenda da Mata e Grota da Gameleira.

Fontes: De Genere et Moribus de Pe. Silvestre Antonio de Faria — Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana — 1823 — Registro 3171, pasta 1349, armário 16 — transcrição/pesquisa do historiador Elimar C. Santo, a quem somos reconhecidos).
Informações do historiador Vinícius Mata a quem igualmente agradecemos.

LORD BYRON E O MILAGRE DAS BODAS

Um jovem estudante da célebre universidade de Oxford, na Inglaterra, submetia-se a importante exame de estudos religiosos. Nesse dia, a pergunta do exame pedia que se escrevesse sobre o significado religioso do milagre de Canã em que Cristo transformara água em vinho. Por cerca de duas horas, o jovem permaneceu sentado, imóvel na sala repleta, enquanto os outros estudantes preenchiam páginas e mais páginas, em longos ensaios, buscando explicar o significado do milagre. Tempo se esgotando e aquele jovem não escrevera uma única palavra, o papel inteiramente em branco. O inspetor aproximou-se, então, instando-o a que escrevesse algo na folha de papel, antes de entregá-la. O jovem Byron, este o nome do estudante, tomou da pena e escreveu:

- A água encontrou seu Mestre e enrubescceu.



"MATEMÁTICA EM VERSOS E PROSAS"

- UMA DIVERTIDA E VALIOSA OBRA DE ANNIBAL MARQUES DA COSTA

O sãojoanense Annibal Marques da Costa deixou uma interessante obra manuscrita "Matemática em versos e prosas", em dois volumes, por ele trabalhada entre 1942 e 1954, com a finalidade, deduz-se, de divulgação da matemática, seus conceitos e propriedades elementares. A preciosa obra foi localizada no acervo do Clube Teatral Arthur Azevedo, instituição que funcionou até 1970 (acervo hoje incorporado à Universidade Federal de São João del-Rei) e que foi objeto de valiosos estudos pelas pesquisadoras da UFSJ, Romélia Mara Alves Souto e Sandra Freire da Silva.

Trata-se de um trabalho relevante dos pontos de vista histórico, cultural e pedagógico, remetendo-nos à educação nos primórdios do século XX, constando de problemas matemáticos com enunciados e soluções, por vezes, na modalidade de versos. Linguagem simples, atrativa.

Segundo consta, o sr. Annibal Marques era pessoa de escolaridade elementar, funcionário do tradicional Café Rio de Janeiro, ponto de convivência da sociedade sãojoanense, estabelecimento comercial que funcionou entre 1918 a 1940 aproximadamente, onde é hoje o Edifício Sade, frente à Ponte da Cadeia, esquina da Rua Arthur Bernardes e Av. Tancredo Neves (o prédio original foi demolido na década de 1950). Segundo se diz, o Café Rio de Janeiro era um ambiente sofisticado, frequentado por políticos, intelectuais, homens de negócios, vedada a entrada de crianças e até mesmo de mulheres. O autor se define em suas anotações como "de pouca instrução", desculpando-se pelas "faltas cometidas tanto em português como em ciências matemáticas".

Pessoa de poucas posses e de hábitos simples, era ele conhecido na cidade por "Poeta Beija Flor" por também ser autor de poemas e outros textos curiosos e de real valor, escritos por volta de 1907. Demonstra muita habilidade no uso da matemática e das letras. O cronista Gentil Palhares faz referências ao sr. Annibal em uma crônica datada de 1967, afirmando ser seu "manuscrito curioso, pitoresco e digno de ser difundido pelos nossos homens de cultura. Uma caligrafia muito bonita e floreada..."

Os problemas por ele expostos, por vezes em versos, são próprios da matemática elementar e ainda ensinados nas escolas de nível médio, envolvendo as quatro operações fundamentais, equações de primeiro grau e ainda aplicações de cálculos mentais e métodos algébricos. Exemplos:

"15 vezes trinta e novembro deduzindo trinta e oito são onze vezes o mesmo numero dando mais cento e dezoito"
 (Na linguagem atual, traduzido pela expressão $15 \cdot 39 - 38 = 11 \cdot 39 + 118$)

"Rosinha tem onze anos Sinhazinha tem dezenove Com três vezes os de Maria A soma é noventa e nove"
 (Atualmente: equação $3x + 30 = 99$, cuja solução é 23)

A solução formulada por Annibal é a seguinte: "Ora vemos q. os anos q. tem Rosinha / juntando aos de Sinhazinha / são trinta anos dessas mocinhas / Com 3 vezes os de Maria, dá 99, então: menos 30, resta 69, sendo três vezes os de Maria, que dividindo por 3, dá 23 anos que tem a bella Maria".

Apresenta ele ainda equações com variáveis, equações quadráticas e com várias incógnitas. Vejamos:

3 fontes alimentam um tanque
A 1ª e a 2ª enchem em 12 horas
A 3ª e a 1ª em 15 e a 2ª e a 3ª em 20
Em quantas horas poderá encher, correndo, todas as três simultaneamente?

Annibal Marques dedicava-se também a operações de matemática comercial e financeira, o que envolvia aplicações de juros simples e compostos, cálculos de taxas, divisões como no exemplo:

"Sete associados formaram uma sociedade.
O 1º entrou com 14:000\$ por 32 meses
O 2º " " 12.000\$ por 30 "
O 3º " " 10.000\$ por 28 "
O 4º " " 8.000\$ por 26 "
O 5º " " 6.000\$ por 24 "
O 6º " " 4.000\$ por 22 "
O 7º " " 2.000\$ por 20 "

Ganharam, ao fim do tempo, 784:000\$000
Que parte é de cada um?

Em alguns de seus exercícios, o autor utiliza-se de temas ou profissões peculiares à época, até mesmo aspectos de diferenças de remuneração e desigualdade entre sexos. Vejamos:

"Em um colégio, havia um certo nº de meninas, não estando, em parte, das que estudavam português e matemática.

A metade do número estava crivando
Um terço do número estava bordando
Um dezoito avos costurando
E vinte crochitando
Quantas meninas estavam crivando?
Quantas estavam bordando?
E quantas costurando?

Outro exercício:

Um homem contratou 48 pessoas, sendo homens e mulheres, pagando cada homem 4\$000 e cada mulher 1\$500. No fim do trabalho receberam 117\$000. Quantos homens e quantas mulheres foram contratados para este fim?"

Problemas enunciados em versos:

"Qual será a sexta parte de x menos trinta e oito se 2x é mais vin'toito faz 3x menos dezoito x=46"

Alguns problemas têm enunciado ambíguo ou confuso:

"Há dois números que somam 104 De um deles tirando 14 e de outro menos 4 sendo dada a diferença: menos dois, 44"
O sr. Annibal, para esse exercício, equaciona da seguinte maneira:
 $x + y = 104$
 $x - x/4 - (y - 4) - 2 = 44.$

Alguns livros didáticos – área de Matemática - adotados em colégios brasileiros em inícios do século XX:

- "Noções de Álgebra" e "Elementos de Álgebra" – André Perez Y Marin
- "Curso de Aritmética" – Augusto Baillot
- "Exercícios de Arithmética" – H. Costa / Euclides Roxo
- "Como se aprende Mathemática" 2 vol. Savério Cristóforo
- "Curso de Mathemática elementar" 3 vol. Euclides Roxo
- "Matemática" 3 vol. Cecil Thiré / Mello e Souza
- "Primeiro ano de Mathemática" Jacomo Stávale

Pós-reforma da Educação promovidas pelos ministros Francisco Campos e Gustavo Capanema durante o regime getulista, surgiram novos livros didáticos de Matemática, autoria de Agrícola Algacyr Munhoz Maeder, César Dacorso Netto, Ary Quintella, C. Caliolli, Fernando Vasconcellos, Haroldo Lisboa da Cunha, Thales Mello Carvalho, Nicanor Lemgruber, Isidoro Dumont, Roberto Peixoto, Oswaldo Sangiorgi etc.

GRANDES MATEMÁTICOS DA HISTÓRIA:

Antiguidade e Idade Média: Euclides, Pitágoras, Arquimedes, Bháskara, Alcuarismi, Aryabhata

Pós-Renascença: Paolo Ruffini (1765-1822), Gregori Perelman, Leonardo Fibonacci, David Hilbert, Evaristo Galois, Carl Gauss, Leonhard Euler, Srinivasa Ramanujan, Isaac Newton (1643-1727), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Henri Poincaré, Gottfried Leibniz, Bernhard Riemann...

“Tragédia silenciosa” | a vergonhosa, evasão no ensino médio brasileiro

Segundo um estudo da Firjan Sesi (“Combate à evasão no ensino médio – desafios e oportunidades”) somente 56% dos estudantes brasileiros pobres concluem o ensino médio, enquanto nas classes altas o índice, inclusive em países como o Chile, tal índice atinge os 90%.

A cada dez jovens brasileiros, apenas seis completam o ensino médio, ou seja, 40% dos nossos jovens ficam pelo caminho – uma “tragédia silenciosa” no dizer do economista Ricardo Paes de Barros e da consultora Andrea Marinho, coordenadores do projeto.

O País perde cerca de R\$135 bilhões/ano, porquanto milhões de jovens sem a devida qualificação permanecem na marginalidade, não se inserindo de forma produtiva no mercado de trabalho.

A cada ano, 500 mil jovens maiores de 16 anos evadem-se da escola. Segundo especialistas um conjunto de fatores, dificuldades econômicas, desajustes e vulnerabilidades familiares, repetência, não engajamento e desmotivação escolar, ausência de projeto de vida, inoperância do Estado.

Alguns países sérios já atuam há décadas em boas práticas de retenção do educando, a exemplo do programa Pathways to Education (Canadá) de permanência e mesmo retorno à escola. É oferecido auxílio financeiro mensal, suporte na aprendizagem (acesso a reforço e inovação escolar, laboratórios, esportes, estágios, etc.).

Outro programa é o Syep (Programa de emprego de jovens de verão) Nova York, que contrata/conecta jovens entre 14 a 24 anos em situação de vulnerabilidade, oferecendo oportunidades de profissionais remunerados.

No Brasil, merecem ênfase as escolas de Referência do Ensino Médio- EREM em Pernambuco que trabalham com crianças em tempo integral, com estímulo a aprendizagem, inovação curricular.

Onde entra o Poder Público nesta história, uma vergonhosa carga como tantas outras em nossa sociedade?

Poíticas de distribuição de renda desenvolvidas pelo Governo por mais valiosas são apenas paliativos.

O acesso à educação, assim como a saúde, saneamento básico, moradia, trabalho ainda são precários, deficitários.

Séculos de colonização e de escravidão produziram condições indignas e excludentes, à maioria do povo. País marcado por privilégios assombrosos, corporativistas e patrimonialistas, elite do serviço público onde prevalece somente o poder da caneta, tudo isso sob o rótulo de democracia, obviamente falsa.

Ademais é interesse dos grupos dominantes, principalmente os de qualquer cor partidária, manter e eternizar a dependência e a submissão das classes sociais sofridas, incluindo na educação não só como fonte permanente de votos e ainda de cerceamento do empoderamento da sociedade impedindo-a de se posicionar contra os abusos e os abutres palacianos.



A dominação colonial que se perpetua. Em algum momento, o povo passará a fazer perguntas. E será reprimido, desconsiderado, pois, poderosos temem ideias e serem desnudados. Mas até quando e onde?

MESTRE EICHU E O GOVERNADOR

Keichu, o grande mestre Zen da era Meiji, era prior de To-fuku, uma catedral de Kioto. Certo dia, o governador de Kioto veio visitá-lo, o que ocorria pela primeira vez.

O assistente de Keichu apresentou-lhe o cartão do governador, que dizia: “Kitagaki, Governador de Kioto”

- Nada tenho a tratar com essa pessoa – disse Keichu ao assistente. – Mande-o embora!

O assistente trouxe de volta o cartão, desculpendo-se inúmeras vezes junto ao governador.

ras vezes junto ao governador.

- O erro foi meu – disse o governador. E, com um lápis, riscou as palavras “Governador de Kioto” – Leve-o de volta a seu mestre.

- Oh, é Kitagaki?! – exclamou Keichu ao ver o cartão. – Mande-o entrar: quero muito conhecê-lo.

(Da tradição Zen)

Panfleto eleitoral distribuído em São Tiago – 1934

ÀS URNAS, SANTHIAGUENSES !

O Directorio do "Partido Progressista de São Thiago", por seus membros abaixo assignados, na defeza dos legitimos interesses deste districto solicita o comparecimento de todos os eleitores, afim de que, como determina a Constituição da Republica, exerçam o direito de voto nas proximas eleições de domingo, 14 do corrente.

Nesse dia, serão eleitos os deputados á Camara Federal e ao Congresso Legislativo do nosso Estado.

São Thiago, que após a Revolução de Outubro, passou a desfructar de singular situação politica, representado na Comissão Executiva do Partido dominante, pela prestigiosa figura de seu grande filho Augusto Viégas, certamente vibrará de civismo e prestigiará nas proximas eleições geraes, a acção dos verdadeiros amigos da nossa grandeza, isto é, dos que galgando os postos de governo na Republica e no Estado, implantaram em nossa terra, o amor a liberdade, o culto a justiça e o respeito aos direitos dos cidadãos.

Quer queiram ou não os nossos adversarios de hoje, falsos amigos de Minas e do Brasil, revolucionarios oportunistas de hontem, Getulio Vargas passará a Historia como o unico Dictador que venceu pela cordura de sua acção politica, pelo respeito á palavra empenhada e por haver "CONFIADO A GUARDA DE SEU GOVERNO, Á FORÇA DO PROPRIO POVO".

Não matou, não confiscou, não perseguuiu! Venceu e perdoou!

Para governar o nosso Estado, após o fallecimento do saudoso Presidente Olegario Maciel, o Dictador Getulio Vargas, nomeou delegado de sua confiança, um mineiro, civil, moço e revolucionario de facto.

Benedicto Valladares, o Interventor Mineiro, que vem se impondo ao respeito e admiração de Minas e do Brasil pelos actos de sua fecunda administração, é o candidato do nosso Partido ao futuro Governo do Estado.

Corramos, pois, ás urnas no proximo dia 14 e votemos com o Partido Progressista em cujo seio São Thiago vive, na pessoa de um de seus grandes filhos.

O voto é livre, e, assim sendo, deve trázur a vontade consciente do eleitor.

Todavia, os que desejam e sinceramente trabalham para a maior gloria de um povo, estão no dever patriótico de orientar-o para a pratica de uma politica capáz de defender seus grandes ideais.

E' o que fazemos em nome do Directorio Santhiaguense.

Pedimos a todos os filhos de São Thiago, resolutos apoio para o PARTIDO PROGRESSISTA que, indicando como seu candidato a Camara Federal, o querido santhiaguense Augusto Viégas, defenderá as aspirações de nossa terra.

Por conseguinte, votar com o PARTIDO PROGRESSISTA, é consolidar o prestigio de São Thiago na balança politica do Estado e da União.

A's Urnas, santhiaguenses! Votemos no PARTIDO PROGRESSISTA.

PARA DEPUTADOS FEDERAES:

AUGUSTO DAS CHAGAS VIEGAS
AUGUSTO DAS CHAGAS VIEGAS

e demais candidados do P. P.

PARA A CONSTITUINTE DE MINAS GERAES:

ANTONIO BENEDICTO VALLADARES RIBEIRO
ANTONIO BENEDICTO VALLADARES RIBEIRO

e demais candidatos do P. P.

São* Thiago, 10 de Outubro de 1934.

ANTONIO MACHADO DA SILVA, Presidente. FRANCISCO DE PAULA LARA, Vice-Presidente. OCTAVIO LEAL PACHECO, Secretario Geral. ANTONIO MARÇAL SAMPAIO, Thezoureiro. MIGUEL ANCHANJO DE SOUZA, 1.º Secretario. CASSIANO F. DA COSTA, 2.º Secretario. JOB ALTIVO DA MATTA, FRANCISCO PALUMBO, FRANCISCO DAS CHAGAS GONÇALVES, JOSE AUGUSTO DA MATTA, JOAQUIM COELHO JUNIOR, FRANCISCO LUIZ DE REZENDE, CARLOS RIBEIRO DE CARVALHO, IGNACIO PANTALEÃO DE PAULA e JOSE REZENDE SANTHIAGO.

NOTA — O voto é obrigatorio. (Constituição art. 109)

MANOEL JOSÉ DE BARROS FAZENDA DA SESMARIA-Século XVIII

Manoel José de Barros, o velho, proprietário da Fazenda da Sesmaria, aplicação de São Tiago, era natural da freguesia de São Salvador de Bertiano, termo de Ponte de Lima, comarca de Valença, arcebispado de Braga, filho de João Fernandes de Miranda e D^a Rosa Antunes. Casado com D^a Mariana Cláudia Theodora Serpa Pinto, filha de Rodrigo Félix Serpa Pinto e D^a Escolástica da Cunha, enlace realizado na capela de Santa Rita (Ritópolis) aos 18-05-1766.

Manoel José de Barros faleceu aos 28-10-1793, sendo o inventário aberto nessa data na Fazenda da Sesmaria. Ditou seu testamento aos 20-07-1793 na citada Fazenda Sesmaria (São Tiago). Casal com 12 filhos, abaixo discriminados, tutelados pelo Alferes Joaquim Cláudio Dias (idades dos filhos em 1794).

1. José Félix de Barros, com 30 anos. Em 1794 ainda vivia com a mãe, mencionado como “órfão”.

2. Maria do Nascimento, com 33 anos, batizada na capela de Santa Rita aos 22-09-1766.

3. Manoel José de Barros, o moço, homônimo do pai e seu testamenteiro. Casado com Florinda Rosa da Silva, aos 06-02-1793 na capela de São Tiago. D^a Florinda era filha natural de José da Silva Campos/Maria Francisca, proprietários da Fazenda do Capão das Flores⁽¹⁾.

4. João José de Barros, 24 anos.

5. Rosa Maria da Conceição batizada aos 22-06-1772 na capela de Santa Rita.

6. Ana Joaquina com 18 anos em 1794. Aos 24-11-1796 casou na capela de São Tiago com Francisco Coelho Ribeiro, filho de Antonio Coelho Ribeiro e Maria Vitória. Casal teve os filhos: I. Florentino, batizado aos 13-07-1800 na capela de São Tiago; II. Joaquim, b. na capela de São Tiago aos 27-04-1806; III. Emerenciana, b. aos 29-06-1808 na capela de São Tiago; IV. Venâncio, b. aos 17-08-1810 na capela de São Tiago (Projeto Compartilhar – Francisco Xavier do Prado).

7. Antonio José de Barros batizado aos 18-07-1771 na capela de Santa Rita, sendo padrinhos o Pe. José Fernandes e ... Cunha. Casou aos 03-07-1809 na capela de São Tiago com Mariana Josefa da Silva, filha de Inácio da Silva Leal e Mariana da Silva, sendo testemunhas Joaquim Rodrigues Pacheco e João Ferreira de Almeida.

8. Joaquim, batizado aos 06-11-1779 na capela de São Tiago, sendo padrinhos Francisco Gonçalves e sua esposa Maria Josefa.

9. Francisco, 10 anos. em 1794. Aos 17 anos exercia o ofício de sapateiro.

10. Mariana, 9 anos.

11. Sebastião, batizado aos 25-10-1784 na capela de São Tiago.

12. Bento, batizado aos 28-03-1791 na capela de São Tiago.

Bens de raiz inventariados:

• Fazenda denominada “Sesmaria”, aplicação de São Tiago, composta por capoeiras, logradouros, casas de vivendas cobertas de telha, engenho de fazer farinha, paiol, tudo coberto de telhas – 2:000\$000.

• Gado.

• Escravos.

• Casa de morada no arraial de São Tiago.

Monte-mór 5:197\$313

Deixou como testamenteiros em 1^o lugar seu filho Manoel José de Barros, em 2^o lugar Sebastião José Esteves e em 3^o lugar a Tomás Mendes. Solicitou fosse seu corpo envolto no hábito do glorioso Padre São Francisco “de quem fui indigno professo e será meu corpo sepultado na igreja matriz ou capela que se achar mais perto...”. Enviuvando-se, D^a Mariana Cláudia Theodora casou em segundas núpcias com Leandro Joaquim de Magalhães, filho do Cap. João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães.

(Fontes: Testamento/Inventário Manoel José de Barros, ano 1794, MRSJDR cx. 536 / Projeto Compartilhar – Rosa de Oliveira e Lima).

NOTAS

(1) O casal Florinda Rosa da Silva e Manoel José de Barros, o moço, tiveram os filhos: I. José, batizado aos 08-12-1797 na capela de São Tiago; II. Mariano, batizado aos 21-03-1802 na capela de São Tiago; III. Ana, batizada aos 25-03-1804 na capela de São Tiago; IV. Serafim batizado aos 05-06-1806 na capela de São Tiago; V. Silvéria, batizada aos 07-08-1808 na capela de São Tiago; VI. Manoel, batizado aos 24-12-1810 na capela de São Tiago

A Fazenda da Sesmaria aparece como propriedade do Cap. José Justino da Silva, partes por ele adquiridas do Ten. Urbano Machado Valadão e Hilarino Gonçalves Lara (Inventário do Cap. José Justino da Silva – 1861 – Cx. 403 – Iphan/SJDR).

“Observamos pequenos produtores dispondo de suas terras para o vizinho. No caso da parentela dos Faria, podemos encontrar a prática de venda pelos parentes de suas partes de terras de fazendas mais distantes de seu local de morada. Hilarino Gonçalves Lara, morador do Mosquito, dispusera para o irmão Francisco Gonçalves Lara de suas partes em cultura, campos, casas de vivenda, moinho e mais benfeitorias da Fazenda Monte Alegre na freguesia de São Tiago. A venda no valor de 2:800\$000 foi efetivada em 23 de agosto de 1856. As terras eram provavelmente da herança que Hilarino recebera do pai, do sogro e do avô. Vale ressaltar que Francisco era o irmão mais velho de Hilarino, sendo filho bastardo, porém integrado à rede familiar do Mosquito, sempre atuando na frente de expansão das propriedades. Francisco morava na região de São Tiago, ajudando a tocar os negócios da família naquela área, mas nem sempre as negociações ficavam apenas dentro da parentela. Em primeiro de julho de 1862, o Alferes Gervásio Gonçalves Lara vendeu a Joaquim José da Mata a parte de terras de cultura e campos da Fazenda da Sesmaria, que herdara de seu pai João Gonçalves de Lara e Góes, por 1:540\$000. Também José Lourenço da Silva e esposa Ana Maria de Lara (irmã de Gervásio) venderam por 1:200\$000 suas partes da mesma herança do Quartel Mestre João Gonçalves, porém a Antonio Francisco da Silva. A Fazenda da Sesmaria parece ter sido desfeita pelos herdeiros dos Faria” (Fábio Carlos Vieira Pinto – “Uma Prosopografia do Quarteirão do Mosquito – famílias, fazendas e economia agropastoril das Minas Gerais – séculos XVIII e XIX” Mariana, UFOP, 2021, pp. 167/168) Fontes Cartoriais: Livros de Notas do Cartório de 1^o Ofício de Tiradentes 1854-1857 fls. 29/34 e Livro de 1862-1866 fls. 5v/6.

“A migração de curta distância mostrava o desdobramento da produção agrária e pecuária que ajudava a desafogar pressões econômicas e familiares na medida em que filhos de fazendeiros estabeleciam-se em regiões próximas, mantendo e ampliando os negócios familiares. Ao mesmo tempo em que constituíam novos fogos, mantinham-se vinculados na rede de produção familiar (...). Os filhos continuavam a desenvolver as atividades econômicas das terras de origem, provavelmente visando tornar-se grandes proprietários com os pais (...). No caso em tela, a parentela do Mosquito ocupou, já no início do século XIX, as terras disponíveis em direção aos sertões do Oeste mineiro, começando pelas sesmarias e fazendas próximas geograficamente localizadas no distrito de São Tiago, onde adquiriram a fazenda denominada Sesmaria. Em seguida, mais terras das Gerais seriam adquiridas como a Fazenda da Varginha, a Fazenda das Gamelas, a Fazenda Capão das Flores, a Fazenda Monte Alegre, a sesmaria do Rio Cágado e a Fazenda do Rio do Peixe. Todas as terras foram passadas em herança entre os parentes, começando com o casal Josefa Maria de Faria e João Gonçalves de Lara e Góes, sendo proprietários foram das terras do Mosquito junto com o filho José Gonçalves de Faria Lara que migrara para São Tiago, onde tocava os negócios da família, sendo sócio dos pais e irmãos, a exemplo de Domingos Gonçalves com quem tinha sociedade em contratos de dízimos de Tamanduá, Campo Belo e Piumhi” (Vieira Pinto, op. cit. Pp. 165/166).

“Desde os anos 1830, havia também a movimentação de membros da família para outras áreas como o arraial de São Tiago, próximo geograficamente do Quarteirão (do Mosquito) e as mais distantes regiões do Triângulo Mineiro e Província de Goiás para onde se ampliavam as práticas econômicas da parentela” (id. p. 229).

FESTEJOS JUNINOS

A festa junina surgiu no período gregoriano na Europa, com uma festa pagã que comemorava a fertilidade da terra e as boas colheitas. Presta homenagem a três santos católicos: Santo Antônio, no dia 13 de Junho; São João Batista, dia 24 de junho e São Pedro, dia 29 de Junho.

Com a chegada dos Jesuítas, portugueses, os costumes indígenas e o caráter religioso dos festejos juninos se fundiram no Brasil tornando-a uma das mais tradicionais festa em nosso país.

Durante as festas juninas são realizadas danças típicas, sendo a quadrilha, a principal, onde é comum vestir-se de caipira. São produzidas inúmeras comidas, a base de milho, amendoim como: can-

jica, pamonha, doces diversos, e para esquentar, o famoso quentão. Sempre acompanhados de fogueiras, muitas dança, fogos de artifício, mastro, quadrilha, jogos e muitas bandeirinhas coloridas.

A quadrilha representa a realização de uma festa de casamento, homenageando Santo Antônio, o santo casamenteiro, não podendo faltar o noivo, padre, juiz etc. É chamada de quadrilha junina, caipira, matuta com estilo de dança folclórica, extremamente popular, geralmente em volta das fogueiras, no meio do arraial com vários passos e brincadeiras coletivas ao som da música.

Essas festas acontecem em todo o Brasil e em outros países, principalmente na Europa.

OS TRÊS SANTOS JUNINOS



Santo Antônio nasceu em Lisboa em (1195) e falecido em Pádua (1231) tinha grande capacidade intelectual e conhecimento teológico. É o santo com maior apelo popular também chamado o “Santo dos Pobres”, procurado como santo casamenteiro por ter ajudado moças pobres a conseguirem dote e casamento. É comemorado no dia 13 de Junho.



São João Batista nasceu em 24 de junho seu nome “João” significa Deus da Graça, foi o precursor de Jesus, mostrando-o no meio do povo. É considerado o padroeiro das amigadas e das grávidas. Comemorando no dia 24. Batizou Jesus. É o protetor dos casados e enfermos.



São Pedro foi o primeiro a ser chamado por Jesus para largar o seu barco na praia e seguir com Ele, pois o faria pescador de homens. Deu seu testemunho de fé seguindo Jesus e edificou a sua igreja. Pedro foi morto e crucificado de cabeça para baixo. É comemorado no dia 29 de Junho. Pedro foi o primeiro apóstolo a quem Cristo apareceu. É o padroeiro dos pescadores. Tem fama de ser santo das chuvas com a alcunha de porteiro do céu, título que veio de uma passagem do Evangelho de Mateus, no qual Jesus disse: “Pedro, eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus”.

Em São Tiago, estes três santos sempre foram homenageados com animadas festas, missas, novenas, leilões, quadrilhas, doações, vísperas etc.

Antigamente, a festa acontecia na Vila Ozanan, eram dias animados e esperados pela comunidade são-tiaguense.

Com muita música, iluminação, fogueira, barracas, quadrilha acon-

tecia o grande momento da participação de todos envolvidos pela religiosidade, partilha e alegria sempre no mês de junho, tudo coordenado pelo nosso saudoso Monsenhor Eloi.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

Mapeamento genético nacional revela ancestralidade do povo brasileiro

A partir da análise de mais de 200 mil DNAs coletados em testes comerciais, laboratório mapeou as principais ascendências de pessoas de todas as regiões do país

por Gabriela Garcia, com edição de Luiza Monteiro

Em um estudo apresentado nesta terça-feira (21), o laboratório brasileiro Genera realizou o maior levantamento de base de dados genômicos da América Latina. A partir dos resultados de testes genéticos da empresa feitos por pessoas que compraram o produto, foi possível destrinchar parte da história do DNA da população.

A pesquisa reuniu mais de 200 mil códigos genéticos coletados no Brasil, na Argentina e no Uruguai. Com isso, a empresa traçou a relação entre perfil genético, ancestralidade e particularidades histórico-sociais desses três países, bem como semelhanças e diferenças entre eles.

"Esse é um recorte que abrange pessoas que tiveram condições financeiras para adquirir o produto [teste genético]. No entanto, ainda assim é um volume significativo", ressaltou o médico Ricardo di Lazzaro, CEO da Genera, em evento de lançamento do estudo em São Paulo.

Os cientistas identificaram que cerca de 75% do DNA da base avaliada nos três países é de origem europeia. Em segundo lugar vem a ancestralidade africana, com uma incidência de 11%, seguida por Américas (6,5%), Oriente Médio (5,4%), judaica (2,7%) e asiática (2%).

De acordo com a pesquisa, o Brasil tem uma incidência maior de ancestralidade africana em comparação à Argentina e ao Uruguai: são 10,95% por aqui, contra 1,13% na Argentina e 1,94% no Uruguai.

Já a ancestralidade das Américas (povos nativos das Américas) é mais preponderante na Argentina, com 12,59%, seguida de Uruguai (6,73%) e Brasil (6,56%).

ANCESTRALIDADE BRASILEIRA

De acordo com Lazzaro, o brasileiro é um povo que carrega nos seus genes pedaços de DNA que por muito tempo ficaram separados geograficamente. A miscigenação fez com que cada um carregasse essa herança genética de diversos lugares do mundo.

Analisando os estados brasileiros, a ascendência europeia se destaca em todas as regiões: 72% da população tem algum traço genético da Europa. No entanto, nos estados do Sul, a incidência é maior, com 83% em Santa Catarina, 82% no Rio Grande do Sul e 77% no Paraná.

O Nordeste é onde está a maioria das pessoas com ancestralidade africana. Na Bahia, por exemplo, 23% das 3.258 pessoas testadas apresentaram características genéticas da África; já em Sergipe, são 16,9% e no Maranhão, 15,9%.

Os estados com maior origem indígena são aqueles do Norte. No Amapá, em média 28% têm essa ancestralidade; no Amazonas, são 22%; no Pará, 19%; em Roraima, 17,5%; e no Acre, 16%.

Em relação aos descendentes de asiáticos, São Paulo fica em primeiro lugar: 3,64% da população paulista tem DNA proveniente de países como Japão, Coreia do Sul e China. Em segundo vem Mato Grosso do Sul, com 2,89%; e em terceiro o Paraná, com 2,63%.

Entre os descendentes de imigrantes do Oriente Médio, destacam-se os estados da Paraíba, com 6,6%; Pernambuco, com 6,5%; e Rio Grande do Norte, com 6,4%. Por fim, os estados com maior ascen-



dência judaica são São Paulo (3,07%), Rio de Janeiro (2,99%) e Rio Grande do Norte (2,6%).

Para Lazzaro, conhecer a própria ancestralidade fornece entendimentos que muitas vezes passam despercebidos e podem ser desvendados pelo DNA. "Muitos brasileiros, são celíacos ou têm intolerância à lactose, algo que tem origem genética", explica o médico. "Tomar leite, por exemplo, vem muito de uma cultura europeia, algo que os povos originários aqui no Brasil não estavam acostumados", completa.

A ARMADILHA DO CRÉDITO MARGINAL



“Quem toma emprestado é escravo de quem empresta” (Pv 22,7)

Comentava-se em uma roda – e com grave preocupação – sobre as ameaças sofridas pela economia local-regional no tocante ao crédito marginal. Riscos de implosão de várias empresas, algumas já virtualmente comprometidas. Empreendedores e mesmo pessoas comuns que caem na armadilha fatal, ao tomarem empréstimos junto a agiotas, atravessadores ou “financeiras” informais. Um caminho sem volta para muitos, uma camisa de sete varas, geralmente uma sentença de morte econômico-financeiro-patrimonial para o tomador incauto.

Pagando juros exorbitantes, que triplicam ou decuplicam a dívida, em pouco tempo, deixa os tomadores sem bens, evaporando-se até mesmo todo o patrimônio, amealhado duramente pela família ao longo de anos e anos de trabalho. Os agiotas utilizam-se de esquemas ou exigências como a assinatura de promissórias em branco, retenção de cheques pré-datados (sempre com valores muito acima da dívida), registros em cartório de compra e venda de imóvel do tomador, transferência de veículos ou ainda o “troque o limite de seu cartão de crédito em dinheiro”. Consequências: superendividamento, podendo levar à falência!

Há casos em que o agiota, segundo se comenta, passa a “administrar” o patrimônio do devedor, usando este (o devedor) como mão de obra quase servil, até que a dívida seja liquidada...Estamos retornando, ao que parece, aos processos de vassalagem medieval, de submissão a prepotentes senhores feudais...

Agiotagem é contravenção (salvo se empresa ou titularidade de capital legalizada) sabendo-se que os juros legais são de 1% ao mês e acima disso só com respaldo normativo-institucional (definidos pelo Conselho Monetário Nacional e judiciário). Ora, o crédito é o grande impulsionador da economia, o motor fundamental para o destravamento do setor produtivo, havendo competente regulação por parte dos órgãos competentes como o Conselho Monetário Nacional, Banco Central etc. O agravante de tudo são pessoas ou “instituições” não regulamentadas – ou seja sem autorização e fiscalização do Banco Central – conhecidas como agiotas, havendo o caso de empresas comerciais – atacadistas/varejistas/distribuidoras – atuarem de forma ilegal, concedendo financiamentos, empréstimos, enriquecendo-se à custa da fraqueza ou necessidade alheia, mantendo – pasmemo-nos todos – até escritórios abertos ao público, de fácil acesso, emprestando livremente à luz do dia e cobrando até mesmo com...violência! Agem, pois, acima ou à margem da lei!

Não recolhem impostos, não dão empregos, não contribuem para a prosperidade coletiva. Seu patrimônio, obtido quase sempre à base da ilegalidade ou ilegitimidade, crescendo a olhos vistos...

Somos, na condição de cidadãos, rebaixados à condição subal-

terna, servil – não bastasse a guilhotina do Estado arrecadador, expropriador da renda e do suor da população, que praticamente nada nos oferece em troca – eis, ainda por cima, o despotismo econômico de “banqueiros” informais.

Do Estado, sabemos, nada esperar – nossos governantes e elites, quaisquer que sejam os governantes - sempre em berço esplêndido...

“Os homens podem muitas vezes obedecer em silêncio a um déspota, mas eles o aborrecem a cada momento no fundo de seu coração e quando presumem sem perigo sucumbir a seu jugo, eles aproveitam a ocasião com diligência. O nome do senhor e de escravo destrói toda a ideia de dever, todo o comércio de afeição e põem os homens em um estado de hostilidade recíproca e nesse misero estado, a força é o direito e o medo a única obrigação”. (Gabriel Bonnot de Mably, filósofo socialista francês 1709-1785).

AGIOTAGEM É PROIBIDA

Vejam a Legislação: Art. 4º da Lei 1521/51 – crime de usura pecuniária ou real.

Crime financeiro – art. 17, Lei 4595/1964

Ilícito administrativo – Lei 4595/1964 e Ilícito criminal Lei 7492/1986

“E a vida em severos lances / empobrece a quem trabalha / e enriquece os arrogantes / fidalgos e flibusteiros / que reinam mais do que a rainha / por estas minas distantes”. (Cecília Meirelles – Cancioneiro da Inconfidência).



Verdadeiro significado da Paz



Havia um rei que ofereceu um grande prêmio ao artista que fosse capaz de captar numa pintura a paz perfeita.

Foram muitos os artistas que tentaram. O rei observou e admirou todas as pinturas, mas houve apenas duas de que ele realmente gostou e teve que escolher entre ambas.

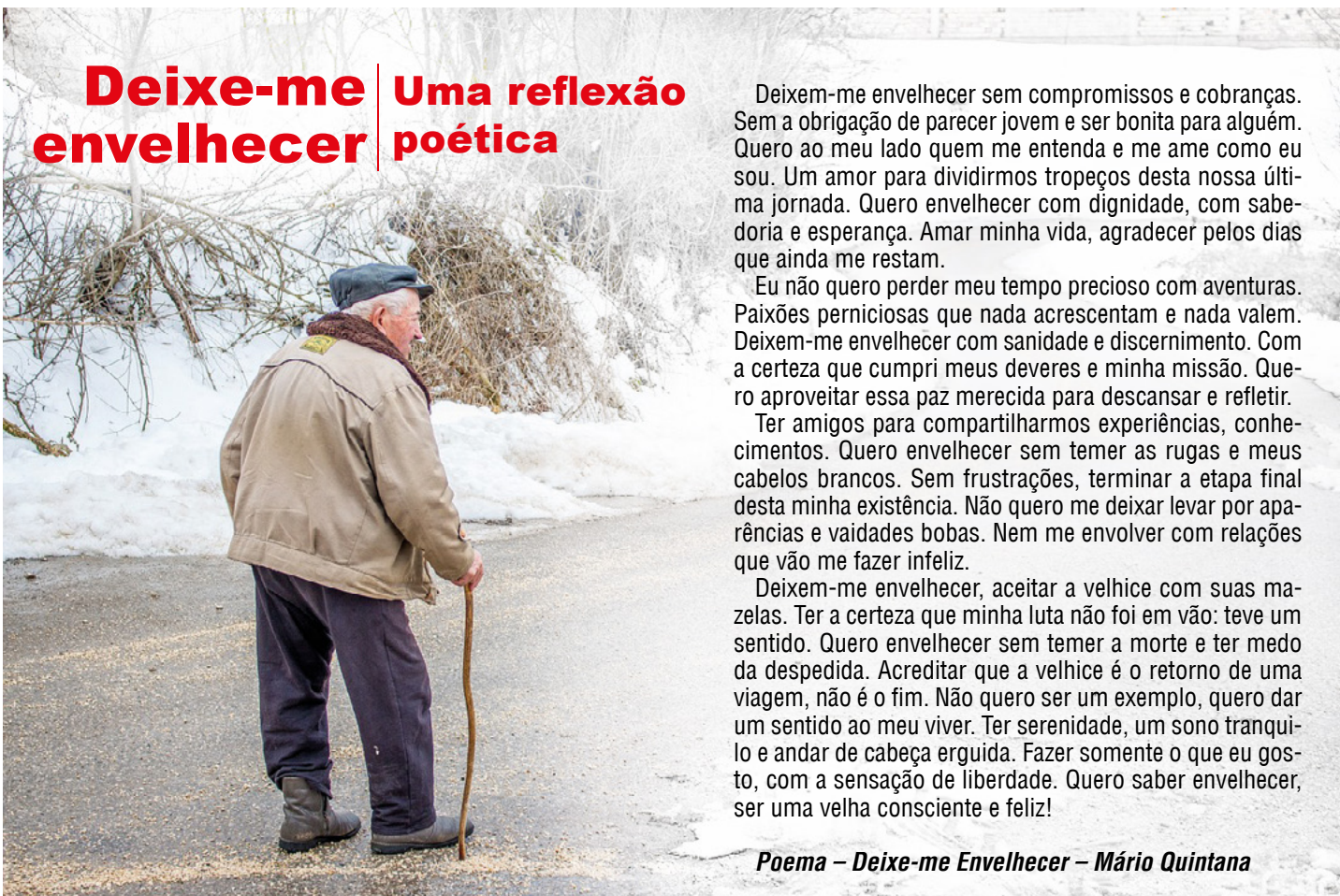
A primeira era um lago muito tranquilo. Este lago era um espelho perfeito onde se refletiam umas plácidas montanhas que o rodeavam. Sobre elas encontrava-se um céu muito azul com tênues nuvens brancas. Todos os que olharam para esta pintura pensaram que ela refletia a paz perfeita.

A segunda pintura também tinha montanhas. Mas estas eram escabrosas e estavam despidas de vegetação. Sobre elas havia um céu tempestuoso do qual se precipitava um forte aguaceiro com faíscas e trovões. Montanha abaixo parecia retumbar uma espumosa torrente de água. Tudo isto se revelava nada pacífico. Mas, quando o rei observou mais atentamente, reparou que atrás da cascata havia um arbusto crescendo de uma fenda na rocha. Neste arbusto encontrava-se um ninho. Ali, no meio do ruído da violenta camada de água, estava um passarinho placidamente sentado no seu ninho. Paz perfeita.

Qual pensas que foi a pintura ganhadora? O rei escolheu a segunda. Sabes por quê? "Porque", explicou o rei: "Paz não significa estar num lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho árduo ou sem dor. Paz significa que, apesar de se estar no meio de tudo isso, permanecemos calmos no nosso coração."

Disse Jesus: no mundo tereis aflições, mas tendes fé em Deus, pois Ele cuida de vós. Com certeza Ele nos dá proteção e enche-nos da verdadeira PAZ, ainda que estejamos caminhando em um vale sombrio." "Este é o verdadeiro significado da paz". (internet).

Deixe-me envelhecer | Uma reflexão poética



Deixem-me envelhecer sem compromissos e cobranças. Sem a obrigação de parecer jovem e ser bonita para alguém. Quero ao meu lado quem me entenda e me ame como eu sou. Um amor para dividirmos tropeços desta nossa última jornada. Quero envelhecer com dignidade, com sabedoria e esperança. Amar minha vida, agradecer pelos dias que ainda me restam.

Eu não quero perder meu tempo precioso com aventuras. Paixões perniciosas que nada acrescentam e nada valem. Deixem-me envelhecer com sanidade e discernimento. Com a certeza que cumpri meus deveres e minha missão. Quero aproveitar essa paz merecida para descansar e refletir.

Ter amigos para compartilharmos experiências, conhecimentos. Quero envelhecer sem temer as rugas e meus cabelos brancos. Sem frustrações, terminar a etapa final desta minha existência. Não quero me deixar levar por aparências e vaidades bobas. Nem me envolver com relações que vão me fazer infeliz.

Deixem-me envelhecer, aceitar a velhice com suas mazelas. Ter a certeza que minha luta não foi em vão: teve um sentido. Quero envelhecer sem temer a morte e ter medo da despedida. Acreditar que a velhice é o retorno de uma viagem, não é o fim. Não quero ser um exemplo, quero dar um sentido ao meu viver. Ter serenidade, um sono tranquilo e andar de cabeça erguida. Fazer somente o que eu gosto, com a sensação de liberdade. Quero saber envelhecer, ser uma velha consciente e feliz!

Poema – Deixe-me Envelhecer – Mário Quintana